

# **VISÕES EPISTEMOLÓGICAS PRESENTES EM ARTIGOS SOBRE O TDAH E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO: REVISÃO INTEGRATIVA**

**EPISTEMOLOGICAL VISIONS ABOUT  
ATTENTION DEFICIT DISORDER WITH  
HYPERACTIVITY AND IMPLICATIONS FOR  
TEACHING: INTEGRATIVE REVIEW**

**Amós de Souza Silva**

Mestrando em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Av. Tarquínio Joslim dos Santos, 1300, Jardim Universitário, Foz do Iguaçu, PR  
amosfoz@gmail.com

**Rosane Meire Munhak da Silva**

Doutoranda em Enfermagem em Saúde Pública na EERP/USP. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Av. Tarquínio Joslim dos Santos, 1300, Jardim Universitário, Foz do Iguaçu, PR  
zanem2010@hotmail.com

**Reinaldo Antonio Silva Sobrinho**

Doutor em Ciências. Docente do Mestrado em Ensino na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Av. Tarquínio Joslim dos Santos, 1300, Jardim Universitário, Foz do Iguaçu, PR  
reisobrinho@yahoo.com.br

**Paulo Cesar Mayer Morales**

Pós Doutor pelo Mestrado em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Av. Tarquínio Joslim dos Santos, 1300, Jardim Universitário, Foz do Iguaçu, PR  
paulocmayer@gmail.com

**Tiago Emanuel Kluber**

Doutor em Educação. Docente do Programa em Ensino em Ciências e Matemática na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. R. Universitária, 2069, Jardim Universitário, Cascavel, PR  
tiagokluber@gmail.com

**Adriana Zilly**

Doutora em Ciências Biológicas. Docente do Mestrado em Ensino na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Av. Tarquínio Joslim dos Santos, 1300, Jardim Universitário, Foz do Iguaçu, PR  
aazilly@hotmail.com

## Resumo

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é um desafio das áreas da saúde e ensino atualmente, mostrando-se como um grave problema social. O objetivo deste trabalho foi investigar e discutir as visões epistemológicas para a pesquisa sobre o ensino de alunos diagnosticados com o referido transtorno, presentes na produção científica sobre o mesmo, utilizando a prática baseada em evidências, através de uma Revisão Integrativa. Foram pesquisados artigos na plataforma Periódicos Capes, Pub Med, Scielo e Lilacs onde estivesse claro o uso de uma base epistemológica para abordar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. A pesquisa foi norteada pela pergunta: Há artigos que discutem aspectos epistemológicos em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade? Quais as visões epistemológicas se fazem presentes? A busca foi realizada nas línguas portuguesa e inglesa e sem considerar o ano da publicação. Foram encontrados 74 artigos, dos quais cinco responderam à pergunta norteadora. Nestes, as bases epistemológicas encontradas foram: discurso psicológico, médico ou biopoder de Foucault (Bachelard), Paradigmas de Thomas Kuhn, Programas de pesquisa de Lakatos, Reificação de Lukács e Fenomenologia de Husserl. A pesquisa demonstrou que o cuidado do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade deve ser pautado por numa visão epistemológica crítica que supere o paradigma ingênuo da medicalização e abra a possibilidade do uso de novas terapias como o neurofeedback, baseados em uma normatização guiada pela heurística do rigor científico.

## Palavras-chave

Conhecimento<sup>1</sup>; ensino<sup>2</sup>; disfunção encefálica<sup>3</sup>.

## Abstract

Attention Deficit Disorder with Hyperactivity is a challenge in the areas of health and teaching today, proving to be a serious social problem. The objective of this work was to investigate and discuss the epistemological visions for the research on the teaching of students diagnosed with this disorder, present in the scientific production about this, using the practice based on evidence, through an Integrative Review. We searched articles in Periódicos Capes, Pub Med, Scielo and Lilacs platform where the use of an epistemological basis to address Attention Deficit Disorder with Hyperactivity was clear. The research was guided by the question: Are there articles that discuss epistemological aspects in Attention Deficit Disorder with Hyperactivity? What epistemological views are present? The search was conducted in Portuguese and English languages and without considering the date of the publication. We found 74 articles, of which five answered the guiding question. In these, the epistemological foundations were: psychological discourse, doctor or biopoder of Foucault (Bachelard), Paradigms of Thomas Kuhn, Programs of research of Lakatos, Reification of Lukács and Phenomenology of Husserl. Research has shown that care for Attention Deficit Disorder with Hyperactivity should be guided by a critical epistemological view that goes beyond the naive paradigm of medicalization and opens the possibility of using new therapies such as neurofeedback based on a heuristic-driven scientific rigor.

## Key words

Knowledge<sup>1</sup>; teaching<sup>2</sup>; minimal encephalic dysfunction<sup>3</sup>.

## INTRODUÇÃO

Os pesquisadores definem os Transtornos da Aprendizagem (TA) como uma condição neurológica que atrapalha a capacidade do cérebro em se comunicar, recordar e entender informações. A pessoa tem dificuldade em aprender em uma ou mais áreas acadêmicas, independentemente do seu nível intelectual. A percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras e a capacidade de concentrar a atenção, geralmente são características afetadas por esses prejuízos neurológicos (FERREIRA, 2013).

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um dos TA mais desafiador nas áreas da Saúde e Educação na contemporaneidade, sendo tema de um grande debate no âmbito social e acadêmico. Em casa ou na escola, qualquer comportamento diferente que a criança apresente, logo é considerada elétrica e que não para quieta, etc. Essa percepção estereotipada vem se consolidando como a principal forma de reconhecer o transtorno, influenciando até mesmo os diagnósticos oficiais e a falta de um olhar mais profundo e abrangente sobre o problema (EIDIT; TULESKI; FRANCO, 2014). Essas crianças geralmente são logo colocadas à parte, tratadas como diferentes e tolhidas do seu direito de aprender normalmente.

O estudo sistematizado do TDAH é recente, segundo Barbarini (2015) e, em decorrência, compreendemos que as bases epistemológicas em sua referência estão em construção. Tendo sido sua normatização estabelecida por leis, decretos e portarias, assim como ocorre com a Educação Inclusiva de forma geral. Somente nos anos 1990 e 2000, as informações sobre o TDAH chegou ao grande público, porém, existem relatos de diagnósticos de TDAH desde a Grécia antiga. De acordo com Bonadio e Mori (2013), a investigação científica do TDAH ocorreu por iniciativa de George Still e Alfred Tredgold, que deram início ao estudo clínico de crianças com os sintomas semelhantes ao que hoje denominamos TDAH.

Ferreira (2015) admite uma base neurobiológica para a ocorrência do TDAH e que o desenvolvimento do autocontrole, a capacidade de controlar os impulsos e de organização em relação ao tempo e aos prazos em geral, são especificamente as áreas mais prejudicadas pelo transtorno. Segundo a autora, toda essa disfunção é causada pela falha no sistema de neurotransmissão, que ocasiona uma diminuição na taxa de dopamina, neurotransmissor responsável pela atenção e controle motor. Silva (2014) evidencia a questão da alteração da atenção como a principal condição para diagnosticar uma pessoa com TDAH, culminando em

falta de concentração e conseqüente atraso escolar e/ou profissional, em se tratando de adultos.

De acordo com Valença e Nardi (2015), crianças e adolescentes com TDAH apresentam atividade motora excessiva, falta de atenção e impulsividade com frequente dificuldade de concentração, o que pode comprometer além do convívio social, a aprendizagem.

Farrel (2015) assevera que a principal intervenção em alunos com TDAH é o desenvolvimento da atenção. Por não conseguirem imprimir a atenção voluntária na realização das atividades, esses alunos têm muita dificuldade em realizar tarefas que exijam um alto nível de concentração e desenvolvimento passo a passo, como a matemática, por exemplo, e evitam atividades como leitura, jogos e brincadeiras que exijam persistência e organização para sua conclusão (BONADIO; MORI, 2013; GOMES; MANRIQUE, 2014;).

Muito se discute sobre a origem apenas genética do TDAH (ROMAN; ROHDE; HUTZ, 2002). Os críticos a essa linha argumentam ser uma visão excessivamente biomédica e patológica, levando a enxergar o problema apenas como doença, alimentando o fenômeno da medicalização, ou seja, o uso abusivo de medicamento. A medicação de forma controlada é necessária, mas além disso, é preciso levar em consideração os fatores culturais e ambientais no surgimento do transtorno, e não deixar resumir uma questão interdisciplinar a uma única disciplina – a medicina.

Nesse sentido, a Psicologia Histórico Cultural de Vigotski fornece elementos para a compreensão e uma *práxis* na área, constituindo paradigmas que admitem que o TDAH possa ter tanto origem genética como sócio cultural (ROMAN; ROHDE; HUTZ, 2002; BONADIO; MORI, 2013; EIDIT; TULESKI; FRANCO, 2014).

Assim, percebe-se a produção cada vez maior de publicações evidenciando a necessidade de usar a medicação somente em último caso, após serem esgotados os recursos pedagógicos para o problema (CASTILLA, 2015; BARBARINI, 2015).

Apesar de não existir uma receita pronta para o diagnóstico, é preciso observar a tríade: desatenção, hiperatividade e impulsividade, características presentes naturalmente em todas as crianças, porém, nas diagnosticadas com TDAH, essas características parecem sempre estar exacerbadas (BONADIO; MORI, 2013; SILVA, 2015).

O desafio da inclusão de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs), como as crianças com TDAH, existe para todos aqueles que estão envolvidos com o ensino, seja no nível fundamental, médio ou superior. Além de termos que lidar com as variações de

comportamento naturais dos alunos ditos normais, ao lidar com os alunos especiais é preciso ter mais sensibilidade para interpretar as variações e especificidades requeridas por cada necessidade (FARIA; ARAUJO, 2012).

A partir do exposto, observa-se que a pesquisa em TDAH é recente e em alguns aspectos contraditória. Além disso, há uma articulação bastante acentuada nas questões educacionais. Nesse sentido, torna-se pertinente desenvolver um estudo das visões epistemológicas que circulam na área. Assim, esse estudo teve por objetivo pesquisar quais as visões epistemológicas contidas em publicações sobre a ocorrência do TDAH, que respondam à pergunta norteadora: *Há artigos que discutem aspectos epistemológicos em TDAH? Quais as visões epistemológicas se fazem presentes?* E analisar as implicações dessas visões epistemológicas para a área do ensino.

## **MATERIAL E MÉTODO**

Referente às revisões, a Revisão Integrativa é uma abordagem metodológica ampla que visa contribuir para a compreensão global do fenômeno analisado, permitindo a inclusão de diversos estudos e incorporando um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências e análise de problemas metodológicos em um tópico particular na área de saúde, além de combinar dados da literatura teórica e empírica (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para elaborar a Revisão Integrativa cumpriram-se as seguintes etapas: estabelecimento dos objetos da revisão; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos (obtenção da amostra), ou seja, se correspondiam ou não a pergunta norteadora; definição das informações a serem extraídas dos artigos selecionados; análise dos resultados; discussão e apresentação dos resultados e a apresentação da revisão (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; CHIANCA; SALGADO, 2015).

Realizou-se uma busca nos portais Periódicos Capes do CNPQ, Pub Med, Scielo e Lilacs, por artigos que estivesse explícito o uso de uma base epistemológica para abordar o TDAH. Para a busca dos textos, foram usados os descritores: TDAH, Transtornos de aprendizagem, combinados com Epistemologia nas línguas portuguesa e inglesa, intermediados pelo termo e (*and*), sem considerar a data da publicação.

Para análise e síntese dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão, foi elaborado um quadro sinóptico que contemplou os seguintes aspectos, considerados relevantes: título do artigo; nome(s) do(s) autor(es), periódicos onde foram publicados, ano de publicação e considerações importantes. Os artigos foram ordenados por ano de publicação.

Foi feita uma apresentação dos resultados e discussão dos dados obtidos de forma descritiva, visando possibilitar a avaliação da pertinência e aplicabilidade da revisão integrativa elaborada de modo a relacionar as bases epistemológicas identificadas, sua aplicação, e implicações no ensino.

## **RESULTADOS**

Foram discutidas as visões epistemológicas encontradas e os pontos a serem vigiados por elas, em relação ao cuidado do TDAH e o paradigma da inclusão, bem como, possíveis implicações para o ensino.

Encontrou-se 74 artigos, dos quais, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão (Figura 1), deu origem a uma amostra de cinco artigos, correspondentes à pergunta norteadora.

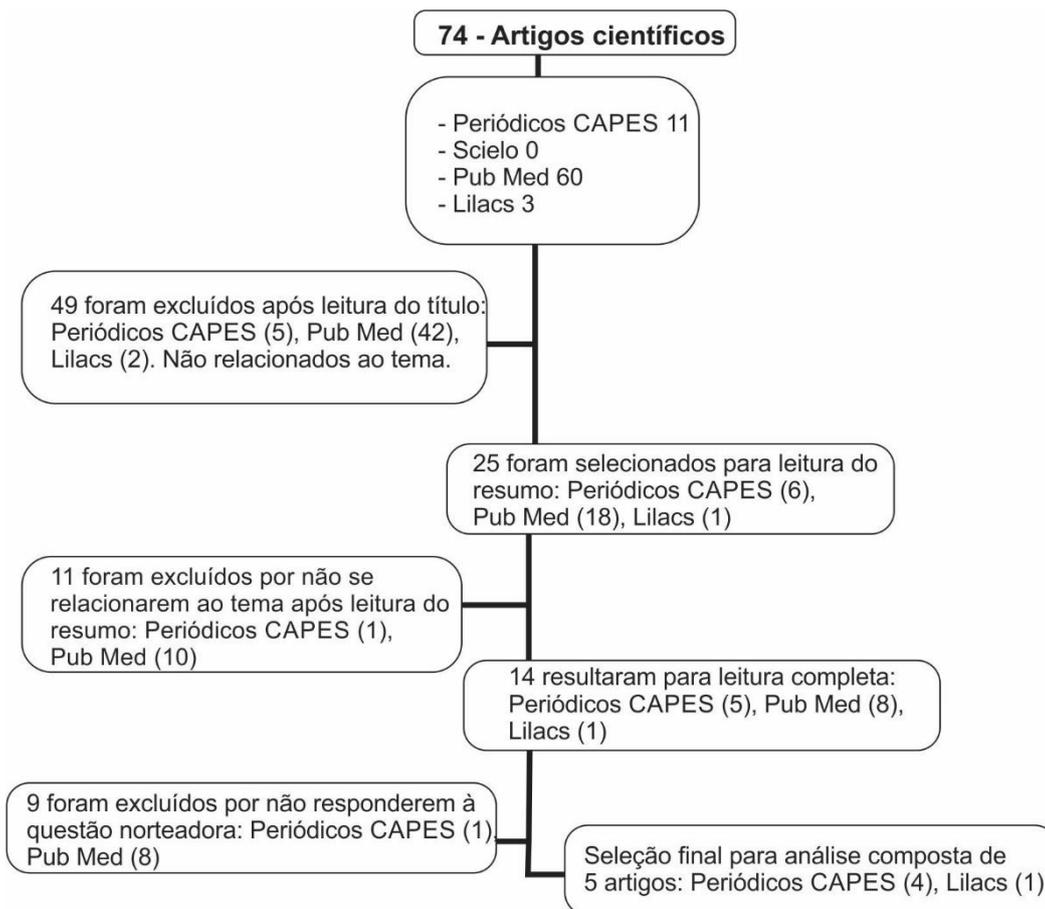


Figura 1. Fluxograma dos artigos científicos selecionados para a revisão integrativa.  
Fonte: O próprio autor.

Os artigos foram lidos na íntegra, verificando se retratavam a temática referente à pergunta norteadora: *Há artigos que discutem aspectos epistemológicos em TDAH? Quais as visões epistemológicas se fazem presentes?* Ou seja, textos que demonstrassem de forma clara uma abordagem epistemológica a respeito do TDAH. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), esta fase de qualificação dos textos é a mais importante da revisão integrativa, pois ela determina os meios usados para identificação, as informações coletadas de cada estudo selecionado e quais serão os estudos incluídos ou excluídos.

Foram selecionados cinco artigos cuja base epistemológica analisada demonstra uma vigilância sobre as práticas acerca do TDAH, tratando de assuntos desde a nomenclatura, passando pelo diagnóstico, até o tratamento e a criação de uma base neurocientífica para a etiologia (Quadro 1).

**Quadro 1.** Distribuição dos artigos científicos inseridos na revisão integrativa.

Nº/Título	Autor (es)	Periódico	Ano	Considerações Importantes
1 - Attention Deficit Hyperactivity Disorder and Scientific Epistemology.	THURBER, S.; SHEEHAN, W.; ROBERTS, R. J.	Dialogues in Philosophy, Mental and Neuro Sciences <a href="http://www.crossingdialogues.com/Ms-A09-04.htm">http://www.crossingdialogues.com/Ms-A09-04.htm</a>	2009	Este ensaio faz um relato de toda a indefinição que ronda em torno do TDAH, devido a uma falta de consenso epistemológico, envolvendo nomenclatura, diagnóstico e outras questões referentes ao transtorno.
2 - Analyse critique et épistémologique du neurofeedback comme dispositif psychothérapeutique. Le cas emblématique du trouble déficit de l'attention avec hyperactivité.	MICOULAU D-FRANCH, J. et al.	L'Évolution Psychiatrique <a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/00143855">http://www.sciencedirect.com/science/journal/00143855</a>	2013	Demonstra a possibilidade do tratamento do TDAH pela terapia do <i>neurofeedback</i> e aponta para a fenomenologia, como forma de explicar as interações objetivas e subjetivas nesta terapia.
3 - A Droga da Obediência: Medicalização, Infância e Biopoder – Notas Sobre Clínica e Política	DECOTELL, K. M. et al.	Revista Psicologia: Ciência e Profissão, 33 (2), 446-459	2013	Aborda a questão da medicalização de alunos com TDAH como uma prática feita à revelia, quando deveria ser uma exceção, sendo uma prática sustentada pelo biopoder.
4 - La medicalización de la infancia en salud mental: el caso paradigmático de los trastornos de atención.	CASTILLA, C. J. L.	Papeles del Psicólogo, Vol. 36(3), pp. 174-181	2015	Convida para um debate sobre a medicalização da infância e analisa epistemologicamente a questão do tratamento do TDAH, abordando o transtorno sobre diversos aspectos.
5 - Diagnósticos psiquiátricos infantiles, biomedicalización y DSM: ¿hacia una nueva (a) normalidad?	BIANCHI, E.	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 14 (1), pp. 417-430.	2016	Analisa como são feitos os diagnósticos em relação ao TDAH e TEA (Transtorno do espectro autista), baseados na normatização contida no DSM-5 – Manual estatístico de doenças mentais e aponta para uma interpretação equivocada do binômio normal/anormal, onde o anormal se traduz por patológico, devido a erros de interpretação contidos no manual.

## DISCUSSÃO

O texto 1 trata de uma epistemologia pessimista, porém, isso não está relacionado com a metodologia, mas com a normatização do TDAH, feita à margem da investigação científica por quem detêm o poder, muitos chegando a considerar o transtorno como uma construção hipotética.

Ao admitir que as decisões acerca da normatização do TDAH são tomadas à margem da ciência, o texto coloca que sua sustentação ocorre através de dados *post e ad hoc*. Estes

conceitos fazem parte da epistemologia de Lakatos de Programas de Pesquisas. Para ele, um programa é caracterizado por um núcleo firme, que é o conjunto de teorias ou hipóteses que não podem ser falseadas. Em torno do núcleo encontra-se o cinturão protetor, formado por hipóteses auxiliares que podem ser falseadas e, com isso, o cinturão vai sendo constantemente modificado. Uma explicação *ad hoc*, é um ajuste conveniente no cinturão e faz com que o programa regrida, pois essa explicação não acrescenta nenhum fato novo, dizendo-se então que o programa está regredindo (LAKATOS, 1983), sendo exatamente o que notamos em relação ao cuidado com o TDAH hoje nas escolas, onde o diagnóstico estereotipado, apoiado na normatização insipiente produz um tratamento previsível, geralmente baseado na medicalização.

Devido a grande falta de conhecimento sobre o funcionamento operacional do cérebro, pois diversos mecanismos como a memória e concentração ainda não possuem toda sua forma de operar definida, o mesmo ocorre com a etiologia do TDAH. Foram analisados então diversos modelos que tentam explicar a origem do transtorno, em um caso clássico de competição e sobreposição de paradigmas (KUHN, 1996).

O conceito de reificação também está presente no texto 1, conceito este cunhado por Lukács, como um avanço da compreensão dos conceitos de fetichismo da mercadoria e alienação presentes na teoria de Marx, o qual procurava demonstrar como o automatismo do trabalho imposto pelo capital, gerava falta de autonomia e autoconsciência, ou seja, era a coisificação da história e dos valores subjetivos (LUKÁCS, 1989; CROCCO, 2009).

No texto, a reificação é demonstrada pela imposição nosológica<sup>1</sup> que é dada apenas de forma técnico administrativa pelas instituições responsáveis pelo transtorno, à margem dos estudos científicos, fazendo com que alguns profissionais desconsiderem suas posições éticas e finalmente sucumbam ao poderio econômico da indústria farmacêutica. Os psicoterápicos acabam sendo a mercadoria fetichizada através de todo um processo de manipulação da informação sobre o TDAH.

O texto 2 apresenta a terapia do *neurofeedback* como mais uma opção de tratamento para o TDAH e como uma forma de evitar a medicalização ou mesmo minimizá-la.

Para justificar o uso dessa terapia, os autores se apoiam no trabalho de Nicolas Duruz, psicólogo e psicoterapeuta, professor honorário de Psicologia Clínica na Universidade de Lausanne, França. Duruz é um dos defensores da Antropologia Clínica, que tem como principais pressupostos defender e promover a diversidade de métodos psicoterápicos e a

---

<sup>1</sup>Segundo o dicionário *online* de português, nosologia é a parte da medicina que se dedica ao estudo e classificação das doenças. <https://www.dicio.com.br/nosologia/>

humanização dos atendimentos. Fenomenólogo, preconiza que o fazer psicoterápico envolve três modelos: a prática (clínica), o epistemológico (construção e limites dos modelos utilizados) e o hermenêutico (possível ligação entre os três modelos e seus desdobramentos), visando não assumir posições extremas ecléticas ou dogmáticas (DURUZ, 2009a).

Costa (2012) corrobora com essa visão ao sustentar que a base epistemológica da Educação Inclusiva precisa ser multiparadigmática e multidisciplinar a fim de integrar os conhecimentos subjetivos, interpretativos e os construtivistas críticos. Além disso, o mesmo autor ressalta que deveria haver uma ressignificação na base médico psicológica da modalidade, incluindo a Sociologia e a Antropologia, e isto está diretamente relacionado com a elaboração do currículo, vindo a influenciar na formação docente.

Ao sugerir que a terapia possibilita ao paciente melhorar a frequência de suas ondas cerebrais, ela entra nos âmbitos objetivo e subjetivo, algo normal em se tratando de pesquisa em ciências sociais. Diante disso, a fenomenologia pode fornecer resultados nessa área. Aqui chamada de neurofenomenologia, sua principal característica epistemológica é investigar as questões subjetivas, trazendo-as à racionalidade (MERLEAU-PONTY, 1945; TEIXEIRA, 2014).

Husserl iniciou as investigações em fenomenologia como oposição ao naturalismo, afirmando que nem toda verdade é uma verdade científica natural. Para ele as ciências naturais não podem explicar a idealidade; somente a realidade. A intencionalidade e a intersubjetividade são os pontos chave para a interpretação fenomenológica, com o objetivo de sair do pensamento natural, ingênuo, para o pensamento transcendental que avalia os fenômenos da consciência (CERBONE, 2012).

Segundo Bruyne, Hernan e Schoutheete (1977), a fenomenologia contesta as aparências empíricas, mas, ao mesmo tempo busca explicá-las. O interesse para a pesquisa situa-se no nível fundamental da elaboração conceitual, sendo um método original, que vai do constituído (realidade concreta) ao constituinte (essência).

Duruz considera a redução fenomenológica, uma das ferramentas da fenomenologia, um método específico muito útil, visando à identificação dos pressupostos e a organização e contextualização de cada método psicoterapêutico (DURUZ, 2009b).

Dessa forma, de acordo com o contexto do TDAH hoje, onde a visão hegemônica é estereotipada e positivista realista, como já visto, a fenomenologia fornece ferramentas para que a análise se torne mais aprofundada, sendo investigada a essência da problemática, algo

fundamental em ciências humanas e no caso específico do TDAH, vindo a propiciar um diagnóstico mais preciso, precoce e novas formas de terapia, como é o caso do *neurofeedback*.

Nos artigos 3, 4 e 5, o assunto dominante é o da medicalização, fruto de um diagnóstico estereotipado e superficial, sendo essa prática alimentada pelas abordagens positivista e idealista ingênuas, em cuja indução e o verificacionismo pautavam o fazer científico no século XIX.

A medicalização é também uma demonstração de como o discurso médico está prevalecendo nas escolas. Qualquer comportamento diferente que o aluno apresente, por menor que seja, é estigmatizado como quem porta um problema, sendo tratado como diferente e perdendo o direito à livre educação, pois a partir de agora, terá que frequentar uma sala de recursos, sendo que ele apenas possui uma forma diferente de aprender. A essa sobreposição da ação médica sobre outras formas de saber, como a pedagógica, Foucault chamou de discurso médico, discurso psicológico ou ainda, biopoder (BONADIO; MORI, 2013; DECOTELLI et al., 2013; SIGNOR; SANTANA, 2016).

Foucault foi influenciado em grande parte por Bachelard, adotando sua visão descontinuista da história da ciência (CARVALHO, 2010).

Bachelard organiza uma epistemologia contrária à visão empírico positivista dominante até então, introduzindo a epistemologia histórica que é construída socialmente, livre da pré-formatação e do continuísmo científico. O autor coloca também o conceito de obstáculo epistemológico, que são os obstáculos que dificultam que o pesquisador (neste caso o professor) entenda porque o aluno não aprende e este é um ponto importante a ser considerado em relação ao TDAH, pois o diagnóstico estereotipado e o discurso psicológico estão diretamente relacionados a isso.

Os obstáculos são descritos nos textos como sendo as divergências entre os pesquisadores, principalmente devido às imprecisões contidas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014) e às falácias. Neste sentido, o conceito de verdade fica prejudicado nessa área, pois não é capaz de produzir veridicidade, a fim de produzir credibilidade e confiança, como se percebe na prática (BACHELARD, 1996). No texto 3, a medicalização é induzida pelo biopoder, com a medicina forjando e apreendendo a essência do aprender; do ser criança.

A questão paradigmática também é abordada no texto 4, pois assim como Thomas Khun, em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, ao explicar uma das definições que dá ao termo paradigma, descreve seus componentes, ao que ele denomina de matriz

disciplinar (KUHN, 1998). No artigo é feita essa relação com o TDAH, possuidor de várias características condutoras à medicalização em massa e isso, devido à ação médica institucionalizada e o discurso médico/psicológico, tem sido aceito como verdade no meio educacional (BONADIO; MORI, 2013; SIGNOR; SANTANA, 2016).

Já o texto 5 mostra que a medicalização é induzida pela falta de critério presente nos manuais diagnósticos normatizadores dos transtornos TDAH e TEA<sup>2</sup>.

O fato de estes dois transtornos terem sido analisados conjuntamente traz uma questão relevante para o diagnóstico, pois ambos possuem origem genética (PLOMIN et al., 2011) e, TDAH e TEA frequentemente podem estar combinados, como abordado no texto 1, apesar dos manuais DSM IV e CID<sup>2</sup>-10 não considerarem este diagnóstico, segundo Pondé, Novaes e Losapio (2010), sendo este uma variável importante a ser considerada na avaliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, o que fica mais evidente e causa um alerta é a pequena quantidade de textos com visões epistemológicas densas em relação ao TDAH. Compreende-se que poucos pesquisadores têm se preocupado em produzir trabalhos pautados pelo rigor científico da metodologia e hermenêutica. Percebe-se a falta de vigilância do conhecimento na área de pesquisa em ensino na Educação Inclusiva. Por essa razão este artigo se torna relevante para fomentar as discussões sobre o tema em âmbito nacional.

As questões tratadas nos textos são muito pertinentes não só para o TDAH, mas para a prática da Educação Inclusiva, pois é uma área carente de uma metodologia geradora de critérios visando uma *práxis* inclusiva e mais efetiva, desde a nomenclatura, passando pelo diagnóstico até a prática em sala de aula.

Analisando os cinco artigos, vê-se que as temáticas se complementam, pois, o primeiro se preocupa principalmente com o aspecto ético, e que o diagnóstico não pode ocorrer da forma como está; de modo pré-formatado, estereotipado e superficial. É preciso mais rigor epistemometodológico para um diagnóstico mais objetivo.

Epistemologicamente, o conceito de Paradigmas de Thomas Kuhn, as epistemologias de Lakatos e Bachelard, a noção de reificação de Lukács, e a Fenomenologia de Husserl, são

---

<sup>2</sup>Classificação internacional de doenças.

ideias presentes a fim de conferir ao cuidado do TDAH uma atitude mais ética e pautada pelo rigor metodológico e científico.

No tocante ao ensino, as discussões epistemológicas dos artigos subvertem o modo de abordar o problema. Ao invés de tratar os estudantes sob um paradigma de medicalização, esta pode ser evitada por intermédio de ações pedagógicas e, portanto, efetuadas por meio do ensino. Essa posição solicita novas investigações sobre métodos que evitem quando possível e/ou minimizem o uso de medicação.

Nesse sentido, a pesquisa em TDAH e o ensino dos sujeitos devem ser pautados numa visão epistemológica crítica que supere o paradigma ingênuo da medicalização e abra a possibilidade do uso de novas terapias como o *neurofeedback*, baseados em uma normatização guiada pelo rigor científico.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 ed., Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 948.

BACHELARD, G. **La formation de l'esprit scientifique**. Paris: J. Vrin, 1947. Tradução por Estela dos Santos Abreu. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBARINI, T. A. **A criança com TDAH na sociedade contemporânea: redefinindo representações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

BIANCHI, E. Diagnósticos psiquiátricos infantiles, biomedicalización y DSM: ¿hacia una nueva (a)normalidad? **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 14, n. 1, p. 417-430, 2015.

BONADIO, R. A. A; MORI, N. N. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica**. Maringá: Eduem. 2013.

BRUYNE, P.; HERNAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CASTILLA, C. J. L. La medicalización de la infancia en salud mental: el caso paradigmático de los transtornos de atención. **Revista Papeles del Psicólogo**. v. 36, n. 3, p. 174-181, set, 2015. In: <http://www.papelesdelpsicologo.es/pdf/2610.pdf>. Acesso em: 09/01/2018.

CARVALHO, M. M. **Atualizações em Foucault: aplicações da noção de dispositivo ao VIH/SIDA**. Porto: FLUP. 2010.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Petrópolis. RJ: Vozes. 2012.

COSTA, V. B. **Inclusão Escolar do Deficiente Visual no Ensino Regular**. São Paulo: Paco Editorial. 2012.

CHIANCA, T. C. M.; SALGADO, P.O. Construção do conhecimento sobre a CIPE no Brasil, 1995-2013. In: GARCIA, T. R. (org.). **Classificação internacional para a prática da enfermagem. – CIPE: aplicação à realidade brasileira**. Porto Alegre: Artmed. 2015, p. 103.

CROCCO, F. L. T. Georg Lukács e a reificação: teoria da constituição da realidade social. **Revista Kinesis (on line)**, v. 1, n. 2, p. 40-63, out, 2009. In: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo04.F.Crocco.pdf>. Acesso em: 25/08/2016.

DECOTELLI, K. M.; BOHRER, L. C. T.; BICALHO, P. P. G. A droga da obediência: medicalização, infância e biopoder – notas sobre clínica política. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**. v. 33, n. 2, p. 446-459, 2013.

DURUZ, N. De l'éclectisme à la pensée d'école en psychothérapie: la voie de l'anthropologie clinique. **Revista Perspectives Psy**. v. 48, n. 2, p. 194-200, abr. 2009. In: [http://www.perspectivespsy.org/articles/ppsy/abs/2009/02/PPSY\\_482\\_0194/PPSY\\_482\\_0194.html](http://www.perspectivespsy.org/articles/ppsy/abs/2009/02/PPSY_482_0194/PPSY_482_0194.html). Acesso em: 28/08/2016.

EIDIT, M. N.; TULESKI, S. C.; FRANCO, A. F. Atenção Não Nasce Pronta: o desenvolvimento da atenção voluntária como alternativa à medicalização. **Revista Nuances: Estudos sobre educação**. São Paulo. v. 25, n. 1, p. 78-96, mai. 2014. In: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2759/2519>. Acesso em: 09/01/2018.

FARIA, P. V. S.; ARAUJO, D. A. C. Sala de Recurso: espaço adicional às pessoas com habilidades específicas. **Anais do Simpósio Científico Cultural**. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. v. 3, n 1. 2012.

FARREL, M. **Guia do Professor: Dificuldades de relacionamento pessoal, social e emocional**. Porto Alegre: Artmed. 2015.

FERREIRA, C. **TDAH na infância: transtorno do déficit de atenção/ hiperatividade – orientações e técnicas facilitadoras**. Belo Horizonte: Uni Duni, 2015.

\_\_\_\_\_. **Transtornos de aprendizagem: da teoria à prática**. Belo Horizonte. Uni Duni, E-book. 2013.

GOMES, H. C.; MANRIQUE, A. L. **Educação matemática inclusiva, musicalização e atenção voluntária**. In: [http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_13\\_11\\_2014\\_21\\_22\\_19\\_idinscrito\\_3690\\_c49ec66da70c4c247fa8232db1f037cf.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_13_11_2014_21_22_19_idinscrito_3690_c49ec66da70c4c247fa8232db1f037cf.pdf). Acesso em: 15/04/2016.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 5 edição, 1998.

LAKATOS, I. History of science and its rational reconstructions. In: HACKING, I. (org.) **Scientific revolutions**. Hong-Kong: Oxford University, 1983.

LUKÁCS, G. **Marx, Ontologia Del Ser Social**. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Trad. Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2 edição, Rio de Janeiro: Elfos; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989.

MICOLAUD-FRANCHI, J. et al. Analyse critique et épistémologique du neurofeedback comme dispositif psychothérapeutique. Le cas emblématique du trouble déficit de l'attention avec hyperactivité. **Revista L'Évolution Psychiatrique**. v. 79, n. 4, p. 667-681, out-dez, 2014. In: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/00143855>. Acesso em: 26/08/2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard. 1945.

PLOMIN, R. **Genética do comportamento**. Porto Alegre: Artmed. 2011.

PONDÉ, M. P.; NOVAES, C. M.; LOSAPIO, M. F. Frequência de sintomas de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças autistas. **Revista Arquivos de Neuropsiquiatria** (online). v. 68, n. 1, p.103-106, 2010. In: <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2010000100022>. Acesso em: 19/11/2016.

ROMAN, T.; ROHDE, L. A.; HUTZ, M. H. Genes de suscetibilidade no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 24, n. 4, p. 196-201, out, 2002. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462002000400010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000400010). Acesso em 09/01/2018.

SIGNOR, R.; SANTANA, A. P. **TDAH e medicalização: implicações neurolinguísticas e educacionais do Déficit de Atenção/Hiperatividade**. São Paulo: Plexus. 2016.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. São Paulo: Editora Gente, 2015.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão Integrativa: o que é e como fazer? **Revista Einstein**. 2010. In: [http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt\\_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf](http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf). Acesso em: 28/06/2016.

TEIXEIRA, J. F. **Filosofia do cérebro**. São Paulo: Paulus, 2014.

THURBER, S.; SHEEHAN, W.; ROBERTS, R. J. Attention Deficit Hyperactivity Disorder and Scientific Epistemology. **Revista Dialogues in Philosophy, Mental and Neuro Sciences**. v. 2, n. 2, p. 33-39, dez. 2009. In: <http://www.crossingdialogues.com/Ms-A09-04.pdf>. Acesso em: 09/01/2018.

VALENÇA, A. M.; NARDI A. E. Histórico do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. In: NARDI, A. E.; QUEVEDO, J.; SILVA, A. G. (Orgs.). **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2015, p. 20.